

Uma abordagem da metáfora em Nelson Goodman

Manuel Bogalheiro

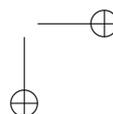
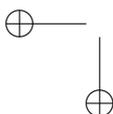
Universidade da Beira Interior, Portugal

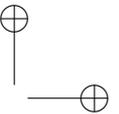
A teoria que Nelson Goodman tece sobre a metáfora distancia-se da maioria das concepções tradicionais de metáfora. Em primeiro lugar, para o filósofo americano, a metáfora é considerada sob a perspectiva *extensional*, isto é, o significado dos termos e dos objectos é inferido da relação destes com os respectivos referentes. Renuncia-se portanto a noções como conotações, sentidos e intenções, habituais em outras teorias. Daqui resulta que a teoria de Goodman seja mais simples e “económica” do que as distintas. Em segundo lugar, a teoria de Goodman demarca-se das teorias que baseiam o entendimento da metáfora na perspectiva da literatura ou da estilística. Para Goodman, a metáfora deve ser entendida numa teoria dos sistemas simbólicos tendo aplicação em qualquer desses sistemas. Assim, o âmbito da metáfora é alargado a qualquer sistema simbólico desde as imagens à música. Além disto, Goodman atribui um carácter cognitivo às metáforas, consequência da sua concepção construtivista da linguagem e do saber em geral. Assim, além de económica como já foi dito, a teoria da metáfora de Goodman, dados estes últimos aspectos, torna-se mais poderosa e abrangente que as teorias mais clássicas.¹

Ao expor a sua teoria da metáfora², Goodman faz abundante uso, como uma espécie de artifício estilístico, de metáforas e expressões metafóricas para *explicar*, ao mesmo tempo que *exemplifica*, o que pensa sobre o próprio conceito de metáfora. A leitura de Goodman permite a identificação de quatro metáforas principais cuja apresentação ou explicação resulta na explicação

¹Referimo-nos aqui particularmente às teorias retóricas que colocam a metáfora no mero âmbito dos tropos ou da estilística.

²A Teoria da Metáfora desenvolvida por Goodman foi principalmente exposta em Goodman, Nelson, [1976] *Linguagens da Arte: Uma Abordagem a uma Teoria dos Símbolos*, Gradiva, Lisboa, pp. 84 – 119. Na língua portuguesa, o maior contributo para o seu entendimento e para a sua sistematização foi dado por Carmo D’Orey no desenvolvimento da sua Tese de Doutoramento sobre o filósofo americano (D’Orey, Carmo, [1999] *A Exemplificação na Arte – Um estudo sobre Nelson Goodman*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 415 – 461).





dos aspectos basilares da sua teoria da metáfora. No seu conjunto, estas quatro metáforas correspondem às características que, na filosofia de Goodman, fazem, de uma palavra ou uma expressão, uma metáfora. As quatro metáforas são a da *palavra velha que aprende artimanhas novas*, a do *namoro entre um predicado com um passado e um objecto que aquiesce sobre protesto*, a do *casamento bígamo* e a da *família emigrante*.

A metáfora da *palavra velha que aprende artimanhas novas* parte da ideia de que as metáforas são palavras usadas, bem sucedidas nas suas aplicações literais, e que agora são aplicadas a um novo domínio, o metafórico, ganhando outro alcance. Organiza-se um novo domínio – o *metafórico* – aplicando termos, que se tornam metafóricos, a um conjunto de objectos que já conheciam uma organização ou classificação sob um sentido literal. Dado o carácter cognitivo que Goodman reconhece às metáforas, está aqui sobretudo em causa a ideia da *função económica* das metáforas visto que termos novos facilmente assumem a organização de termos já conhecidos, e da *função de conforto* das metáforas, visto utilizarem-se organizações que já são familiares. Pode-se ainda reconhecer aqui o papel heurístico e criativo das metáforas pois assim vistas funcionam como “um convite para explorar o novo domínio de um predicado.”³

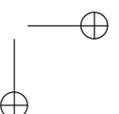
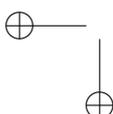
A metáfora do *namoro entre um predicado com um passado e um objecto que aquiesce sob protesto* traduz o que Goodman explica assim:

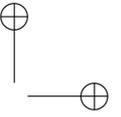
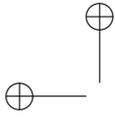
“A aplicação de um termo é metafórica só se for em certa medida contra-indicada. (...) A metáfora exige tanto a atracção como a resistência – de facto, uma atracção que vence a resistência.”⁴

Nesta metáfora do *namoro em protesto*, a reflexão da articulação entre os dois pólos opostos – o do *protesto* que representa a tensão ou resistência na metáfora e o do *namoro* que representa a adequação ou inteligibilidade na metáfora –, é a reflexão de como é que numa metáfora os seus dois referentes, o *literal* e o *metafórico*, se articulam. Se a *resistência* entre os dois referentes se entende facilmente visto a aplicação ser contra-indicada, as dúvidas residem sobretudo nas condições para o despoletar da *atracção*, isto é, como é que o

³D’Orey, Carmo: *A Exemplificação na Arte – Um estudo sobre Nelson Goodman*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, pp. 419

⁴Goodman, Nelson: *Linguagens da Arte: Uma Abordagem a uma Teoria dos Símbolos*, Gradiva, Edição original: 1976, pp. 96





referente literal, o que orienta a aplicação metafórica, *sugere* o sentido metafórico. A resposta à questão é dada pela via da *exemplificação*, conceito que desempenha um lugar central na filosofia de Goodman. As duas extensões, a denotativa e a metafórica, articulam-se numa metáfora através daquilo que exemplificam em comum e que Goodman designa por *etiqueta* ou *propriedade coexemplificada*.⁵ No entanto, nem toda a propriedade pode ser coexemplificável. É o contexto que determina a selecção de determinadas propriedades a coexemplificar, escolhidas em função da sua relevância nesse contexto em que o objecto se encontra a funcionar como símbolo. A metáfora do *namoro em protesto* permite ainda distinguir a metáfora tanto da ambiguidade, onde não há atracção, como da aplicação literal, onde não há repulsa.

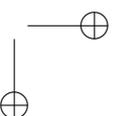
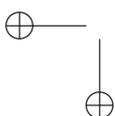
A metáfora que Goodman apelidou por *casamento* (“*feliz e revigorante, se bem que*”) *bígamo*⁶ é particularmente sugestiva pois ilustra a relação que um termo metafórico mantém com as respectivas extensões, a primária ou literal e a secundária ou metafórica. Tal como numa relação bígama, ambas as extensões, a literal e a metafórica, são legítimas, actantes e verdadeiras, não existindo privilégio para nenhuma. Esta metáfora introduz a discussão acerca da *verdade metafórica*. A resposta de Goodman assenta, precisamente, na legitimidade igual de ambas as extensões, o que faz com que a verdade da denotação literal seja tão relativa como a metafórica. Assim, é o sistema de classificação adoptado – ou o que na filosofia de Goodman se poderia também chamar *versão de mundo* – que confere (ou não) veracidade a uma determinada expressão metafórica.⁷

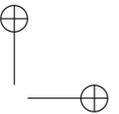
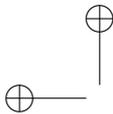
A questão da verdade metafórica desenvolver-se-á por fim com a última metáfora de Goodman, a que se poderá designar por *família emigrante*. Numa metáfora, a aplicação do termo não se faz isoladamente, mas em conjunto com os termos da sua família. Assim, toda a família de termos *emigra* para um novo *território* que pode ser escolhido livremente mas onde as relações (de família) dos termos se manterão, conforme a aplicação original, ou a *região*

⁵ A título de exemplo, beleza e preciosidade são eventuais etiquetas na metáfora: “Os óculos escuros escondiam-lhe duas luzidias esmeraldas”.

⁶ *Idem*, pp. 99

⁷ Por exemplo, a metáfora “Recebi com saudade o meu pequeno anjo” não é verdadeira nos sistemas usuais de classificação de pessoas, ainda que seja verdadeira metaforicamente.





original segundo Goodman, a qual fornece a organização.⁸ A classificação no novo domínio não é, portanto, arbitrária e a correcção de uma aplicação metafórica dependerá de duas condições: primeiro, de uma adequação com as práticas linguísticas estabelecidas e segundo, da sua capacidade inovadora e reveladora ao se descobrirem afinidades em domínios alheios, reconhecendo-se novamente aqui a dimensão heurística da metáfora. Neste sentido, a nova organização deve ser útil e informativa e as afinidades relevantes de modo a que não se produzam metáforas insípidas ou corriqueiras.

Goodman reflecte ainda outros aspectos das metáforas mas em traços gerais são estes os aspectos que presidem à sua teoria: uma metáfora consiste na aplicação de um predicado com um uso estabelecido numa extensão contra – indicada, sob a sugestão das regras e hábitos que determinam a sua aplicação original; daqui se implica a existência de dois pólos em qualquer metáfora, o da tensão e o da inteligibilidade, articulados pela noção de exemplificação ou, melhor, coexemplificação.

Goodman reflecte ainda estas condições da aplicação metafórica no contexto das ficções. Como se disse, é a denotação literal que orienta a aplicação metafórica. Ora, segundo a filosofia extensionalista de Goodman, as metáforas da ficção não poderão ter referência literal anterior, isto é, têm extensão nula. Face a este entrave perante a teoria extensionalista, a resolução do problema torna a ser pela via da *exemplificação*.⁹ Assim, as metáforas não reflectirão uma denotação anterior mas uma exemplificação anterior:

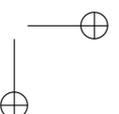
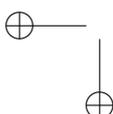
“Não diz respeito ao que os termos classificavam ou denotavam, mas à maneira como eram classificados ou denotados.”¹⁰

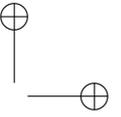
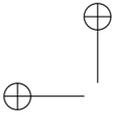
Por outro lado, embora os termos fictícios tenham extensões primárias nulas, têm extensões secundárias reais visto que referem classes particulares de objectos reais, o que, conseqüentemente, diferencia as extensões primárias e as impregna de exemplificabilidades diferentes. Assim, por exemplo, a descrição do Rei Lear de Shakespeare com o predicado *orgulhoso traído*

⁸ Apesar de ser uma metáfora praticamente morta, serve para aqui de exemplo a aplicação de termos do corpo humano às partes de uma poltrona: “pernas”, “costas” ou “braços”.

⁹ O conceito de *exemplificação* será ainda a pedra de toque para a reflexão epistemológica de Goodman sobre as condições de verdade nas ficções

¹⁰ D’Orey, Carmo: *A Exemplificação na Arte – Um estudo sobre Nelson Goodman*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, Pág. 443





aplica-se a determinadas pessoas, aquelas que partilham as mesmas propriedades exemplificadas, e não outras. Como nas outras metáforas, também é a denotação literal anterior que orienta a aplicação metafórica. Todavia tal denotação, como explica Carmo D'Orey:

“não seja a denotação efectuada *pelo* termo fictício, mas a denotação efectuada *sobre* ele.”¹¹

A análise da aplicação metafórica em personagens de ficções abre portas a uma reflexão das suas potencialidades cognitivas. Em termos cognitivos e tendo por base a via da exemplificação, a tragédia de Rei Lear, literalmente falsa, mas metaforicamente verdadeira, através dos seus *símbolos exemplificativos*, pode ser tão rica e tão poderosa a classificar pessoas e acontecimentos reais como uma classificação literal. Como Goodman defende, a arte aparece-nos aqui em termos epistemológicos como uma potência de conhecimento.

¹¹ *Idem*, Pág. 445

